

Vão nascer 25 mil novos postos de trabalho na zona

A concretização total dos projectos integrados no desenvolvimento da região de Comana e no médio o baixo Incomati vai representar a criação de cerca de 25 mil novos postos de trabalho, proporcionando emprego a milhares de moçambicanos hoje sem ocupação.

A taxa de desemprego no país é considerada alarmante devido à guerra de agressão que não só destruiu infra-estruturas económicas, como não permitiu que muitas outras se erguessem ao longo de quase década e meia de independência.

Zona praticamente despovoada, com a escassa população dispersa devido à insegurança, a região do Sabiè, no conhecido distrito da Moamba, poderá tornar-se no próximo decénio, se a guerra acabar agora, numa das mais povoadas regiões da província do Maputo, mercê do projecto que a partir desta barragem começa a implantar-se ao longo do rio que deu nome à agora uma das mais conhecidas zonas do sul.

Até aqui, a maior parte das populações que viviam na região — mesmo em tempo de paz — trabalhavam na África do Sul ou na Suazilândia. A execução de projectos não só constituirá uma oportunidade de emprego a quem hoje não trabalha como servirá de atractivo para o regresso daqueles que foram obrigados a exilar-se por falta de emprego rendável e não só.

No seu todo, o projecto oferecerá emprego a todas as camadas, desde operários agrícolas a burocratas, engenheiros e economistas, médicos e agrónomos, pois significará não só o desenvolvimento de infra-estruturas económicas, com o surgimento de escolas e hospitais e, em suma, de aldeias, vilas, e cidades desenvolvidas como são hoje (e porquê não mais?) Namaacha ou Manhica.

Apostar no futuro significa conceber projectos realizáveis, que nós os podemos iniciar, ainda que não os possamos concluir (fá-lo-ão os nos, os filhos e netos, a quem também compete completar a história e continuá-la ao longo de gerações): é o caso do Sabiè/Incomati.

Testemunham a rentabilidade dos projectos a confluência de interesses num único e tão reduzido ponto da província do Maputo.

Nunca em ocasiões alguma tantos países se mostraram interessados e deram, uníssonos, um «presente» a

participar na realização do projecto como desta vez aconteceu com Sa. biè/Incomati. E não fosse por causa da guerra, estaríamos hoje a fazer relatos da vitalidade da sua execução e não do começo.

E a oportunidade de emprego não beneficiará somente moçambicanos, mas também técnicos ou especialistas de outros países, a começar daqueles que directamente se envolvem até aos vizinhos África do Sul e Suazilândia.

Como nasceu a gigante Comana

Os estudos para o aproveitamento da região, considerada uma das bacias mais importantes de Moçambique não só devido à sua extensão, mas principalmente pela riqueza agrícola do seu vale datam de há mais de uma década. Estudos realizados em 1972 levaram a projectar a construção de duas barragens para o aproveitamento de um total de 100 000 hectares na zona. Contudo, o desenvolvimento desse estudo, levou a aumentar a área de prospecção geológica e geotécnica e a fixar em mais de 213 mil hectares, dos quais poderão ser irrigados dentro do próximo quinquénio 36 mil.

Os acordos para a execução da obra foram assinados em Novembro de 1981 e os trabalhos iniciados em 83. A empreitada de fornecimento e montagem dos equipamentos hidromecânicos para obras hidráulicas teve lugar em 1985. As obras de construção civil, fornecimento e montagem de equipamentos para a central hidroelétrica, ainda em construção, tiveram início em 1988 e o enchimento da albufeira em Novembro do mesmo ano.

O construtor da Barragem de Comana foi a COBOCO, um consórcio de empresas italianas designadamente a Società Italiana Per Condotte D'acqua (IRI-ITALSTAT), Cooperativa Muratori Brascianti (CONACO) — CARPI e Bonifica, Ediliter e Edilcoop. A construção da barragem foi do Ministério da Construção e Águas através de Instituições e serviços sob sua tutela, a NDAH e DNA.